Yerma

(Federico Garcia Lorca)

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Ao levantar-se o pano, Yerma está adormecida, tendo aos pés uma cestinha de costura. A cena tem uma estranha luz de sonho. Entra um pastor nas pontas dos pés, fitando firmemente Yerma. Leva pela mão um menino vestido de branco. O relógio bate. Quando o pastor entra, a luz é substituída por uma alegre claridade matinal de primavera. Yerma desperta)

CANTO - *(Voz dentro)*

Nana, nana, nana, nana,
nana, nana, que faremos
uma palhoça no campo
e nela nos meteremos.

YERMA - João, não me ouves, João?

JOÃO - Já vou.

YERMA - Está na hora.

JOÃO - Já passaram as juntas?

YERMA - Passaram.

JOÃO - Até logo. *(Faz menção de sair)*

YERMA - Não tomas um copo de leite?

JOÃO - Para quê?

YERMA - Trabalhas muito e não tens corpo para tanto trabalho.

JOÃO - O corpo enxuto de carne torna-se forte como o aço.

YERMA - Mas o teu, não. Quando casamos, eras outro. Agora tens a cara branca como se o sol não te batesse nela. Gostaria que fosses ao rio e nadasses, e subisses ao telhado quando a chuva nos entra pela casa adentro. Já estamos casados há vinte e quatro meses e tu cada vez mais triste, mais seco, como se crescesses ao contrário.

JOÃO – Acabaste?

YERMA - *(Levantando-se)* – Não me leves a mal. Se eu estivesse doente, gostaria que me tratasses. "Minha mulher está doente – vou matar este cordeiro para fazer-lhe um bom ensopado." "Minha mulher está doente – vou guardar esta enxúndia de galinha para aliviar-lhe o peito; vou levar-lhe esta pele de ovelha para resguardar-lhe os pés da neve." Eu sou assim. Por isso trato de ti.

JOÃO - E eu te agradeço.

YERMA - Mas não te deixas tratar.

JOÃO - É que não tenho nada. Todas essas coisas são suposições tuas. Trabalho muito. Todos os anos irei ficando mais velho.

YERMA - Todos os anos... Tu e eu continuaremos aqui todos os anos...

JOÃO - *(Sorridente)* – Naturalmente. E muito sossegados. Os negócios vão bem; não temos filhos que gastem.

YERMA - Não temos filhos... João!

JOÃO - Fala.

YERMA - Eu não gosto de ti?

JOÃO - Gostas.

YERMA - Sei de raparigas que tremeram e choraram antes de se entregarem a seus maridos. E eu? Chorei? A primeira vez que dormi contigo? Não cantava ao levantar as barras dos lençóis de holanda? E não te disse: Como cheiram a maça estas roupas?

JOÃO - Foi o que disseste!

YERMA - Minha mãe chorou, porque não tive pena de separar-me dela. E era verdade! Ninguém se casou com mais alegria. E no entanto...

JOÃO - Cala-te. Já estou cansado de ouvir a todo instante...

YERMA - Não. Não me repitas o que dizem. Vejo com os meus olhos que isso não pode ser... De tanto cair a chuva nas pedras, elas amolecem e fazem nascer saramagos, que o povo diz que não servem para nada. "Os saramagos não prestam para nada"... Mas eu bem os vejo moverem pelo ar suas flores amarelas.

JOÃO - É preciso esperar.

YERMA - Sim; querendo *(Yerma abraça e beija o marido, tomando ela a iniciativa)*

JOÃO - Se precisas de alguma coisa, dize-me que a trarei. Já sabes que não gosto que saias.

YERMA - Nunca saio.

JOÃO - Estás melhor aqui.

YERMA - É.

JOÃO - A rua é para os desocupados.

YERMA - *(Sombria)* – Claro. *(O marido sai e Yerma dirige-se para a costura. Passa a mão pelo ventre, levanta os braços num lindo bocejo e senta-se a coser)*

De onde é que vens, amor, meu filho?
Da crista do duro frio.
De que precisas, amor, meu filho?
Do morno pano de teu vestido.
(Enfia a agulha)
Que se agitem as ramas ao sol
e as fontes saltem todas, em redor!
(Como se falasse com uma criança)
Ladra o cão pelo terreiro,
na folhagem canta o vento.
Muge o boi ao boiadeiro
e a lua me encrespa o cabelo.
Que pedes, filho, de tão longe?
(Pausa)
Os brancos montes que há no teu peito.
Que se agitem as ramas ao sol
e as fontes saltem todas, em redor!
(Cosendo)
Filho meu, dir-te-ei que sim.
Despedaçada me dou a ti.
Sofre a cintura que te ofereço,
e que será teu primeiro berço!
Quando, meu filho, poderás vir?
(Pausa)
Quando teu corpo cheire a jasmim.
que se agitem as ramas ao sol
e as fontes saltem todas, em redor!

(Yerma continua a cantar. Pela porta entra Maria, que vem com um embrulho de roupa)

YERMA - De onde vens?

MARIA - Da loja.

YERMA - Da loja? Tão cedo?

MARIA - Por mim, teria ficado à porta., esperando que abrissem... Quem é capaz de saber o que comprei?

YERMA - Deves ter comprado café, para de manhã, açúcar e pão.

MARIA - Nada disso. Comprei rendas, três varas de linho, fitas de lã de cor para fazer borlas. O dinheiro era de meu marido e foi ele mesmo que me deu.

YERMA - Vais fazer uma blusa.

MARIA - Não. É por que... Sabes?

YERMA - Que é?

MARIA - Por que... Já chegou! *(Fica de cabeça baixa. Yerma levanta-se e deixa-se estar contemplando-a com admiração)*

YERMA - Aos cinco meses!

MARIA - É.

YERMA - E já o percebeste?

MARIA - Naturalmente.

YERMA - *(Com curiosidade)* – E que sentes?

MARIA - Não sei. Angústia.

YERMA - Angústia *(Agarrada a ela)* – Mas... Quando chegou? Dize-me. Tu estavas descuidosa.

MARIA - É, descuidosa...

YERMA - Estarias cantando, não é? Eu canto. Tu... Dize-me...

MARIA - Não me perguntes. Nunca tiveste um pássaro vivo apertado na mão?

YERMA - Já.

MARIA - Pois é o mesmo... Mas por dentro do sangue.

YERMA - Que maravilha! *(Mira-a extasiada)*

MARIA - Estou aturdida. Não sei nada.

YERMA - De quê?

MARIA - Do que tenho que fazer. Vou perguntá-lo a minha mãe.

YERMA - Para quê? Já está velha e terá esquecido estas coisas. Não andes muito, e, quando respirares, respira de leve, como se tivesses uma rosa entre os dentes.

MARIA - Ouve: dizem que, mais para adiante, empurra suavemente com as perninhas.

YERMA - E então é quando se lhe tem mais amor; quando já se diz: "meu filho!"

MARIA - No meio de tudo, tenho vergonha.

YERMA - Teu marido, que disse?

MARIA - Nada.

YERMA - Gosta muito de ti?

MARIA - Não me fala nisso, mas põe-se ao pé de mim e seus olhos tremem como duas folhas verdes.

YERMA - Ele sabia que tu...?

MARIA - Sabia.

YERMA - E como o sabia?

MARIA - Não sei. Mas na noite do nosso casamento me dizia tantas vezes isso, com a boca na minha face, que até me parece que o meu filho é um pombinho de luz que ele deixou escorregar pelo meu ouvido.

YERMA - Criatura feliz!

MARIA - Mas tu estás mais inteirada disto do que eu.

YERMA - De que me serve?

MARIA - É verdade. Por que será? De todas as noivas de teu tempo, és a única...

YERMA - Assim é. Claro que ainda é tempo. Helena levou três anos; e outras, antigas, do tempo de minha mãe, levaram muito mais. Mas dois anos e vinte dias, como eu, já é esperar demasiado. Acho que não é justo que me consuma aqui. Muitas noites saio descalça pelo pátio, para pisar a terra, não sei por quê. Se continuo assim, acabarei tornando-me má.

MARIA - Mas, criatura, vem cá: falas como se fosses uma velha. Que digo! Ninguém se pode queixar destas coisas. Uma irmã de minha mãe teve-o depois de quatorze anos!... e se visses que lindeza de criança!

YERMA - *(Com ansiedade)* – Que fazia?

MARIA - Chorava como um tourinho, com a força de mil cigarras cantando ao mesmo tempo, e nos molhava, e nos puxava as tranças, e quando fazia quatro meses nos enchia a cara de arranhões.

YERMA - *(Rindo)* – Mas essas coisas não doem.

MARIA - Eu sei!...

YERMA - Ora! Eu vi minha irmã dar de mamar ao filho com o peito cheio de gretas e lhe produzia uma grande dor, mas era uma dor fresca, boa, necessária à saúde.

MARIA - Dizem que se sofre muito com os filhos.

YERMA - Mentira. Isso é o que dizem as mães fracas, queixosas. Para que os têm? Ter um filho não é ter um ramo de rosas. Precisamos sofrer, para vê-los crescer. Acho que nisso se vai metade do nosso sangue. Mas isso é bom, sadio, belo. Toda mulher tem sangue para quatro ou cinco filhos, e quando os filhos não vêm, o sangue torna-se veneno, como me vai acontecer.

MARIA - Não sei o que tenho.

YERMA - Sempre ouvi dizer que, da primeira vez, as mulheres têm medo.

MARIA - *(Tímida)* – Vamos a ver... Como coses bem...

YERMA - *(Apanhando o embrulho)* – Dá cá. Cortarei duas roupinhas. E isto?

MARIA - São as fraldas.

YERMA - Está bem. *(Senta-se)*

MARIA - Então... Até logo. *(Aproxima-se e Yerma toma-lhe amorosamente o ventre nas mãos)*

YERMA - Não corras pelas pedras da rua.

MARIA - Adeus. *(Beija-a e sai)*

YERMA - Volta, assim que puderes *(Yerma fica na mesma atitude do começo. Apanha a tesoura e começa a cortar. Entra Victor)* Olá, Victor.

VICTOR - *(Sério, de aspecto grave)* – Por onde anda João?

YERMA - Pelo campo.

VICTOR - Que está cosendo?

YERMA - Estou cortando umas fraldas.

VICTOR - *(Sorrindo)* – Muito bem!

YERMA - *(Rindo)* – Vou botar-lhes uma cercadura de renda.

VICTOR - Se for menina, dar-lhe-ás teu nome.

YERMA - *(Tremendo)* – Como?

VICTOR - Alegro-me por ti.

YERMA - *(Quase sufocada)* – Não... Não são para mim. São para o filhinho de Maria.

VICTOR - Bem, pois vamos a ver se, com o exemplo, te animas. Nesta casa faz falta uma criança.

YERMA - *(Com angústia)* – Se faz!

VICTOR - Pois, para a frente! Dize ao teu marido que pense menos no trabalho. Quer juntar dinheiro e há de juntá-lo, mas para quem o deixará, quando morrer? Eu me vou com as ovelhas. Dize ao João que recolha as duas que me comprou. E quanto ao resto... É preciso lavrar mais fundo! *(Vai-se embora sorrindo)*

YERMA - *(Com paixão)*

É isso! Lavrar mais fundo!
Pois, meu filho, dir-te-ei que sim,
despedaçada me dou a ti.
Sofre a cintura que te ofereço
para ser teu primeiro berço!
Quando, meu filho, virás a mim?
Quando teu corpo cheire a jasmim!

(Yerma, que em atitude pensativa se levanta e corre para o lugar onde esteve Victor e respira, – fortemente como se aspirasse ar de montanha – vai depois para o outro lado da sala, como à procura de alguma coisa, e de lá volta a sentar-se, e torna a pegar na costura. Começa a coser, e fica de olhos fitos num ponto. Cortina)

SEGUNDO QUADRO

(Campo. Aparece Yerma. Traz uma cesta. Aparece a 1ª Velha)

YERMA - Bons dias.

1ª VELHA - Bons os tenhas, formosa rapariga. De onde vens?

YERMA - Fui levar a comida a meu marido, que trabalha nos olivais.

1ª VELHA - Já estás casada há muito tempo?

YERMA - Três anos.

1ª VELHA - Tens filhos?

YERMA - Não.

1ª VELHA - Ah! Qualquer dia os terás!

YERMA - *(Ansiosa)* – A senhora acha?

1ª VELHA - Por que não? *(Senta-se)* – Eu também fui levar a comida a meu marido. Está velho. Ainda trabalha. Tenho nove filhos como nove sóis. Mas, como nenhum é mulher, aqui ando eu de um lado para outro.

YERMA - A senhora mora do outro lado do rio?

1ª VELHA - Moro. Nos moinhos. E tu? De que família és?

YERMA - Sou filha de Enrique, o pastor.

1ª VELHA - Ah! Enrique, o pastor! Conheci-o . Boa gente. Levantar, suar, comer um bocado de pão e morrer. Nem divertimentos nem mais nada. As folgas, para outros. Criaturas de silêncio. Podia ter-me casado com um tio teu. Mas qual! Eu fui uma aloucada, que corri logo para a talhada de melão, a festa e a torta de açúcar. Muitas vezes assomei à porta, de madrugada, pensando ouvir música de bandurras que ia, que vinha, mas era o ar *(Ri-se)* – Vais rir de mim. Tive dois maridos, quatorze filhos – cinco morreram – e no entanto não estou triste e quereria viver muito mais. É o que digo. As figueiras como duram! As casas, como duram! E só nós, as endemoninhadas mulheres, com qualquer coisa, viramos pó.

YERMA - Queria fazer-lhe uma pergunta.

1ª VELHA - Que é? *(Mira-a)* – Já sei o que me vais perguntar. Dessas coisas não se pode falar nada. *(Levanta-se)*

YERMA - *(Detendo-a)* – Por que não? Enchi-me de confiança, ouvindo-a falar. Há tempos venho desejando conversar com mulher de idade. Porque preciso inteirar-me. Sim, a senhora me dirá...

1ª VELHA - Direi o quê?

YERMA - *(Baixando a voz)* – O que a senhora sabe. Por que estou assim seca? Hei de ficar em plena vida a cuidar de aves ou a botar cortininhas engomadas no meu postigo? Não. A senhora há de me dizer o que devo fazer, que farei seja o que for, ainda que me mande cravar agulhas no ponto mais delicado dos meus olhos.

1ª VELHA - Eu? Mas eu não sei nada. Deitei-me de costas e comecei a cantar. Os filhos chegam como a água. Ai! Quem pode dizer que não tens um corpo formoso? Pisas – e no fim da rua o cavalo relincha. Ai, deixa-me, rapariga, não me faças falar. Penso muitas idéias que não devo dizer.

YERMA - Por que não? Com meu marido não falo de outra coisa!

1ª VELHA - Ouve: gostas de teu marido?

YERMA - Como?

1ª VELHA - Gostas dele? Desejas dar-te a ele?

YERMA - Não sei.

1ª VELHA - Não tremes, quando se acerca de ti? Não te dá assim como um sono, quando acerca seus lábios? Dize-me.

YERMA - Não. Nunca o senti.

1ª VELHA - Nunca? Nem quando bailavas...?

YERMA - *(Recordando)* – Talvez... Um dia... Victor...

1ª VELHA - Continua.

YERMA - Tomou-me pela cintura e não lhe pude dizer nada, porque não podia falar. De outra vez, o mesmo Victor, quando eu tinha quatorze anos (ele era um pastor e tanto), tomou-me nos braços para saltar um rego d'água, e deu-me um tremor que até se me ouviam bater os dentes. Mas é porque eu era acanhada.

1ª VELHA - E com teu marido?...

YERMA - Com meu marido é outra coisa. Foi-me dado por meu pai. E eu o aceitei. Com alegria. Esta é a pura verdade. Pois no primeiro dia do nosso noivado... Já pensei... Nos filhos... E mirava-me nos seus olhos. Sim, mas era para ver-me pequenina, mui maneirinha, como se eu mesma fosse minha filha.

1ª VELHA - Comigo foi tudo ao contrário. Talvez por isso não tiveste logo filhos. É preciso que os homens agradem.

Hão de desfazer-nos as tranças e dar-nos de beber água em sua própria boca. Assim anda o mundo.

YERMA - O teu: porque o meu, não. Eu penso muitas, muitas coisas, e estou certa de que meu filho realizará as coisas que penso. Por ele, entreguei-me a meu marido e continuo a entregar-me para ver se chega; mas nunca para divertir-me.

1ª VELHA - E acontece que estás vazia!

YERMA - Não. – Vazia, não, porque me estou enchendo de ódio. Dize-me, é culpa minha? É preciso buscar no homem apenas o homem? Nada mais?
Então, que hás de pensar, quando te deixa na cama com os olhos tristes perdidos no espaço, e dá meia volta e adormece? Hei de ficar pensando nele, ou no que pode sair cintilando do meu peito? Eu não sei, – mas dize-me tu, por caridade! *(Ajoelha-se)*

1ª VELHA - Ai, que flor aberta! Que criatura tão formosa que és! Deixa-me. Não me faças falar mais. Não te quero falar mais. São assuntos de honra e eu não toco na honra de ninguém. Tu lá sabes. De qualquer modo, devias ser menos inocente.

YERMA - *(Triste)* – As raparigas criadas no campo, como eu, encontram todas as portas fechadas. Tudo são meias-palavras, gestos, porque todas essas coisas dizem que não se podem saber. E tu também. Tu também te calas e te vais com ar de doutora, sabendo tudo, mas negando-o a quem morre de sede.

1ª VELHA - Com outra mulher, com mulher serena – eu falaria. Contigo, não. Sou velha e sei o que digo.

YERMA - Então, que Deus me ampare!

1ª VELHA - Deus, não. A mim nunca me agradou Deus. Quando chegarás a entender que não existe? Os homens é que te devem amparar.

YERMA - Mas, por que me dizes isso? Por quê?

1ª VELHA - *(Retirando-se)* – Mas devia haver Deus, nem que fosse pequenino, para desfechar raios contra os homens de semente podre que encharcam a alegria dos campos.

YERMA - Não sei o que me queres dizer.

1ª VELHA - Bem, eu cá me entendo. Não te entristeças. Espera firme. Ainda és muito moça. Que queres que eu faça? *(Retira-se. Aparecem duas raparigas)*

1ª RAPARIGA - Por toda parte vamos encontrando gente.

YERMA - Com as fainas, os homens andam pelos olivais. É preciso levar-lhes de comer. Não ficam em casa senão os velhos.

2ª RAPARIGA - Vais voltar para a aldeia?

YERMA - Para lá vou.

1ª RAPARIGA - Tenho muita pressa. Deixei o menino dormindo e não está ninguém em casa.

YERMA - Pois avia-te, mulher. Os meninos não podem ficar sozinhos. Há porcos, em tua casa?

1ª RAPARIGA - Não. Mas tens razão. Vou depressa.

YERMA - Anda. É assim que acontecem as coisas. Com certeza o deixaste fechado?

1ª RAPARIGA - Claro.

YERMA - Sim, mas é que não percebes o que é uma criança pequena. A coisa que nos parece mais inofensiva pode dar cabo dela. Uma agulhazinha, um gole de água.

1ª RAPARIGA - Tens razão. Vou correndo. É que não entendo bem dessas coisas.

YERMA - Anda.

2ª RAPARIGA - Se tivesses quatro ou cinco, não falarias assim.

YERMA - Por quê? Mesmo que tivesse quarenta.

2ª RAPARIGA - Seja como for, tu e eu, sem eles, vivemos mais tranquilas.

YERMA - Eu, não.

2ª RAPARIGA - Eu, sim. Que canseira! E minha mãe não faz outra coisa senão dar-me mezinhas para que os tenha; e em outubro iremos ao Santo que dizem que os dá a quem os pede com fervor. Minha mãe pedirá. Eu, não.

YERMA - Por que te casaste?

2ª RAPARIGA - Porque me casaram. Todas nos casamos. A continuar assim, não sobram solteiras senão as meninas. Bem, e além disso... Na verdade a gente se casa muito antes de ir à igreja. Mas as velhas se empenham em todas essas coisas. Eu tenho dezenove anos e não gosto de cozinhar nem de lavar. Bem, pois todo dia hei de estar a fazer aquilo de que não gosto. E para quê? Que necessidade tem meu marido de ser meu marido? Porque no tempo de noivos fazíamos o mesmo que agora. Tolice dos velhos.

YERMA - Cala-te, não digas essas coisas.

2ª RAPARIGA - Também tu me chamarás louca, a louca! A louca! *(Ri-se)* – Posso dizer-te a única coisa que aprendi na vida: toda a gente está metida dentro de casa fazendo aquilo de que não gosta. É muito melhor estar no meio da rua! Umas vezes vou para o arroio, outras subo a tocar os sinos, outras tomo um refresco de anis.
YERMA - És uma criança.

2ª RAPARIGA - Claro, mas não louca. *(Ri-se)*

YERMA - Tua mãe mora na porta mais alta da aldeia?

2ª RAPARIGA - Mora.

YERMA - Na última casa?

2ª RAPARIGA - É.

YERMA - Como se chama?

2ª RAPARIGA - Dolores. Por que perguntas?

YERMA - Por nada.

2ª RAPARIGA - Por alguma coisa há de ser.

YERMA - Não ei. Falo por falar...

2ª RAPARIGA - Vê lá... Olha, vou levar a comida a meu marido *(Ri-se)* Isso é o principal. Que pena não poder dizer "meu noivo", não é? *(Ri-se)* Lá se vai a louca! *(Sai, rindo alegremente)* Adeus!

VOZ DE VICTOR - *(Cantando)*

Por que dormes sozinho, pastor?
Por que dormes sozinho, pastor?
Melhor dormirias
No meu cobertor.
Por que dormes sozinho, pastor?

YERMA - *(Escutando)*

Por que dormes sozinho, pastor?
Melhor dormirias
No meu cobertor.
Tua colcha – pedra escura,
Pastor,
Tua camisa de geada,
Pastor,
Juncos cinzentos de inverso
Na noite de tua cama.
Os robles soltam agulhas,
Pastor,
Onde pões tua almofada,
Pastor,
E se ouves voz de mulher,
É a voz da água, entrecortada.
Pastor, pastor.
Que quer o monte de ti,
Pastor?
Monte de ervas amargas,
Que criança te estás matando?
A giesta com seus espinhos,
Com seus espinhos te mata!

(Faz menção de sair e esbarra com Victor, que entra)

VICTOR - *(Alegre)* – Aonde vai essa formosura?

YERMA - Eras tu que cantavas?

VICTOR - Eu mesmo.

YERMA - Como cantas bem! Nunca te tinha ouvido.

VICTOR - Não?

YERMA - E que voz tão forte! Parece um jorro d'água que te enche a boca toda!

VICTOR - Sou alegre.

YERMA - É verdade.

VICTOR - Como tu és triste.

YERMA - Não sou triste. É que tenho motivos para estar assim.

VICTOR - E teu marido mais triste que tu.

YERMA - Ele, sim, tem um temperamento seco.

VICTOR - Sempre foi como agora *(Pausa. Yerma está sentada)* Vieste trazer a comida?

YERMA - Vim. *(Olha-o . Pausa)* Que tens aqui? *(Aponta-lhe a cara)*

VICTOR - Onde?

YERMA - *(Levanta-se e aproxima-se de Victor)* – Aqui... na face; parece uma queimadura.

VICTOR - Não é nada.

YERMA - Parecia-me. *(Pausa)*

VICTOR - Deve ser o sol.

YERMA -
Talvez... *(Pausa. Acentua-se o silêncio, e, sem o menor gesto, começa uma luta entre os dois personagens)*

YERMA - *(Tremendo)* – Estás ouvindo?

VICTOR - O quê?

YERMA - Não sentes chorar?

VICTOR - *(Escutando)* – Não.

YERMA - Pareceu-me que chorava uma criança.

VICTOR - Uma criança?

YERMA - Muito perto. E chorava como afogada.

VICTOR - Por aqui há sempre muitas crianças que vêm roubar frutas.

YERMA - Não. É a voz de uma criança pequena. *(Pausa)*

VICTOR - Não ouço nada.

YERMA - Serão ilusões minhas. *(Mira-o firmemente e Victor também a mira e desvia o olhar lentamente, como com medo. Aparece João)*

JOÃO - Que fazes aqui?

YERMA - Conversava.

VICTOR - Saúde! *(Sai)*

JOÃO - Devias estar em casa.

YERMA - Fiquei entretida.

JOÃO - Não compreendo com que ficaste entretida.

YERMA - Ouvi cantar os pássaros.

JOÃO - Está bem. Assim darás que falar ao povo.

YERMA - *(Com força)* – João, que estás pensando?

JOÃO - Não o digo por ti: digo-o pelo povo.

YERMA - Um raio que parta o povo!

JOÃO - Não praguejes! É feio, numa mulher.

YERMA - Oxalá fosse eu uma mulher!

JOÃO - Vamos deixar de conversas. Vai para casa. *(Pausa)*

YERMA - Está bem. Posso esperar por ti?

JOÃO - Não. Passarei toda a noite na rega. Vem pouca água; é minha, até o sair do sol; e tenho que defendê-la dos ladrões. Deita-te e dorme.

YERMA - *(Dramática)* – Dormir! *(Sai)*

SEGUNDO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Canto com a cortina corrida. Torrente onde lavam as mulheres da aldeia. As lavadeiras estão colocadas em diversos planos: Cantam)

LAVADEIRAS - No arroio frio,
Lavo a tua faixa:
Ardente jasmim
É tua risada.

1ª LAVADEIRA - Eu cá não gosto de falar.

3ª LAVADEIRA - Mas aqui se fala.

4ª LAVADEIRA - E não há mal nisso.

5ª LAVADEIRA - A que quiser ser honrada, faça por onde.

4ª LAVADEIRA - Plantei um tomilho
que crescendo vem.
Quem quer ser honrada,
que se porte bem. *(Riem-se)*

5ª LAVADEIRA - É o que dizem.

1ª LAVADEIRA - Mas nunca se sabe nada.

4ª LAVADEIRA - O certo é que o marido levou as duas irmãs para morarem com eles.

5ª LAVADEIRA - As solteironas?

4ª LAVADEIRA - Elas mesmas. Estavam encarregadas de cuidar da igreja, e agora vão cuidar da cunhada. Eu não poderia viver com elas.

1ª LAVADEIRA - Por quê?

4ª LAVADEIRA - Porque metem medo. São como essas folhas grandes que nascem de repente em cima das sepulturas. Estão untadas com cera. São viradas para dentro. Dão-me a impressão de fritarem a comida no óleo das lâmpadas.

3ª LAVADEIRA - E já estão em casa?

4ª LAVADEIRA - Desde ontem. O marido vai de novo trabalhar nas suas terras.

1ª LAVADEIRA - Mas pode-se saber o que aconteceu?

5ª LAVADEIRA - Passou a noite de anteontem sentada na soleira da porta, apesar do frio.

1ª LAVADEIRA - Mas, por quê?

4ª LAVADEIRA - Custa-lhe muito estar em casa.

5ª LAVADEIRA - Essas machonas são assim. Preferem subir para o telhado ou andar descalças por esses rios, quando podiam estar em casa, fazendo renda ou compota de maçã.

1ª LAVADEIRA - Quem és tu para dizeres estas coisas? Ela não tem filhos, mas não é culpa sua.

4ª LAVADEIRA - Quem quer ter filhos, tem-nos. É que as mimosas, as preguiçosas, as melosas não são feitas para ter o ventre enrugado. *(Riem-se)*

3ª LAVADEIRA - E enchem-se de polvilhos e carmim e enfeitam-se com ramos de adelfa, à procura de outro que não seja o seu marido.

5ª LAVADEIRA - Essa é que é a verdade.

1ª LAVADEIRA - Mas vós a vistes com outro?

4ª LAVADEIRA - Nós, não, mas o povo, sim.

1ª LAVADEIRA - Sempre o povo!

5ª LAVADEIRA - Dizem que por duas vezes.

2ª LAVADEIRA - E que faziam?

4ª LAVADEIRA - Conversavam.

1ª LAVADEIRA - Conversar não é pecado.

4ª LAVADEIRA - Há uma coisa no mundo, que é o olhar. Minha mãe já o dizia: não é o mesmo uma mulher mirando rosas ou mirando as coxas de um homem. E ela o mira.

1ª LAVADEIRA - Mas a quem?

4ª LAVADEIRA - A alguém, estás ouvindo? Procura saber tu mesma. Queres que o diga mais alto? *(Risadas)* – E quando não o mira, porque está sozinha, porque não o tem na sua frente, leva-o retratado nos olhos.

1ª LAVADEIRA - Isso é mentira! *(Algazarra)*

5ª LAVADEIRA - E o marido?

3ª LAVADEIRA - O marido está como surdo. Parado com um lagarto ao sol. *(Riem)*

1ª LAVADEIRA - Tudo isso endireitariam se tivesses filhos.

2ª LAVADEIRA - Tudo isso são coisas de gente que não está conformada com a sua sorte.

4ª LAVADEIRA - Cada hora que passa aumenta o inferno naquela casa. Ela e as cunhadas sem despregarem os lábios, caiam todo o dia as paredes, esfregam as vasilhas de cobre, limpam com bafo os vidros, dão lustro ao chão; pois quanto mais brilha a casa, mais arde por dentro.

1ª LAVADEIRA - A culpa é dele; dele: quando um pai não dá filhos, deve cuidar de sua mulher.

4ª LAVADEIRA - A culpa é dela que tem uma língua dura como um pedernal.

1ª LAVADEIRA - Que demônio se meteu entre os seus cabelos, para falares assim?

4ª LAVADEIRA - E quem deu licença à tua boca para me dar conselhos?

2ª LAVADEIRA - Calar!

1ª LAVADEIRA - Com uma agulha de fazer meia, gostaria de traspassar as línguas murmuradoras...

2ª LAVADEIRA - Cala-te!

4ª LAVADEIRA - E eu, a tampa do peito das fingidas.

2ª LAVADEIRA - Silêncio. Não v6es que ali vêm as cunhadas?

(Murmúrios. Entram as duas Cunhadas de Yerma, vestidas de luto. Põem-se a lavar, em meio ao silêncio. Ouvem-se cincerros)

1ª LAVADEIRA - Já se vão os pastores?

3ª LAVADEIRA - É, agora partem todos os rebanhos.

4ª LAVADEIRA - *(Aspirando o ar)* – Gosto do cheiro das ovelhas.

3ª LAVADEIRA - Gostas?

4ª LAVADEIRA - E por que não? Cheiro do que se tem. Como gosto do cheiro do lodo vermelho que o rio arrasta no inverno.

3ª LAVADEIRA - Caprichos.

5ª LAVADEIRA - *(Olhando)* – Vão juntos, todos os rebanhos.

4ª LAVADEIRA - É uma inundação de lã. Arrasam tudo. Se os trigos verdes tivessem cabeça, tremeriam, vendo-os chegar.

3ª LAVADEIRA - Olha como correm! Que manada de inimigos!

1ª LAVADEIRA - Já partiram todos. Não falta nenhum.

4ª LAVADEIRA - Deixa ver... Não... Sim, sim... falta um.

5ª LAVADEIRA - Qual?

4ª LAVADEIRA - O de Victor. *(As duas Cunhadas se levantam e olham)*

No arroio frio,
lavo a tua faixa.
Ardente jasmim
é tua risada.
Quero sobre mim
a leve nevada
desse jasmim.

1ª LAVADEIRA - Ai da casada seca!
Ai da que tem os peitos de areia!

5ª LAVADEIRA - Dize-me se teu marido
de amor te lavra,
para que em tuas roupas
cantem as águas.

4ª LAVADEIRA - É tua camisa
nave de prata, e o vento
em torno a alisa.

1ª LAVADEIRA - As roupas de meu filho
venho lavar,
para ensinar às águas
lições de cristal.

2ª LAVADEIRA - Vem chegando pelo monte
meu marido. Vem comer.
Ele me traz uma rosa
e eu lhe dou três.

5ª LAVADEIRA - Pelo vale vem chegando
meu marido. Vem jantar.
As brasas que me entrega
de murta as vou cercar.

4ª LAVADEIRA - Pelos ares vem chegando
meu marido. Vem dormir.
Eu, aleli vermelho:
ele vermelho aleli.

1ª LAVADEIRA - É juntar flor com flor
quando o verão seca o sangue
ao segador!

4ª LAVADEIRA - E abrir o ventre a pássaros sem sono,
quando a tremer o inverno vem ao nosso encontro.

1ª LAVADEIRA - E gemer entre os lençóis

4ª LAVADEIRA - E cantar!

5ª LAVADEIRA - Quando a coroa e o trigo
o homem nos traz.

4ª LAVADEIRA - Porque os braços se enlaçam.

2ª LAVADEIRA - Porque a luz se nos quebra na garganta.

4ª LAVADEIRA - Porque o talo das ramas se quebranta.

1ª LAVADEIRA - E as tendas do vento cobrem as montanhas.

6ª LAVADEIRA - *(Aparecendo no alto da torrente)*
Para que um menino quebre
os rijos vidros da aurora.

1ª LAVADEIRA - E há pelo nosso corpo
ramas furiosas de coral.

6ª LAVADEIRA - Para haver remadores
pelas águas do mar.

1ª LAVADEIRA - Um meninozinho, um menino.

2ª LAVADEIRA - E as pombas abrem as asas e o bico.

3ª LAVADEIRA - Um menino que chora, um filho.

4ª LAVADEIRA - E os homens avançam como cervos feridos.

5ª LAVADEIRA - Alegria, alegria, alegria!
do ventre redondo dentro da camisa!

2ª LAVADEIRA - Alegria, alegria, alegria!
umbigo, cálice frágil de bonina!

1ª LAVADEIRA - Mas ai da casada seca!
ai da que tem os peitos de areia!

3ª LAVADEIRA - Que brilhe!

4ª LAVADEIRA - Que corra!

5ª LAVADEIRA - Que torne a brilhar!

1ª LAVADEIRA - Que cante!

2ª LAVADEIRA - Que se esconda!

1ª LAVADEIRA - E que torne a cantar!

6ª LAVADEIRA - A aurora que o meu menino
leva no avental.

2ª LAVADEIRA - *(Cantam todas em coro)*
No arroio frio
lavo a tua faixa.
Ardente jasmim
é tua risada.
ah! ah! ah! ah!

(Movem com ritmo e batem a roupa que lavam. Cortina)

SEGUNDO QUADRO

(*Casa de Yerma. Entardece. João está sentado. As duas Cunhadas de pé)*

JOÃO - Dizes que saiu a pouco? *(A Irmã mais velha responde com a cabeça)* – Deve estar na fonte. Mas já sabeis que não me agrada que saia só. *(Pausa)* – Podes pôr a mesa. *(Aparece a Irmã mais moça)* – Bem ganho é o pão que como *(À Irmã)* – Ontem passei um dia duro. Estive podando as macieiras e ao cair da tarde me pus a pensar: para que poria tanto empenho na faina, senão posso levar uma maçã à boca? Estou farto *(Passa a mão pela cara. Pausa)* – Não vem... Uma de vós devia sair com ela, pois para isso estais aqui, comendo à minha mesa e bebendo do meu vinho. Minha vida está no campo, mas a minha honra está aqui. E a minha honra também é vossa *(A Irmã inclina a cabeça)* – Não o leves a mal. *(Entra Yerma com dois cântaros. Fica parada à porta)* – Vens da fonte?

YERMA - Para termos água fresca ao jantar *(Entrega a outra Irmã)* – Como estão as terras?

JOÃO - Ontem andei a podar as árvores. *(Yerma deixa os cântaros. Pausa)*

YERMA - Vais ficar?

JOÃO - Tenho de tratar do gado. Sabes que isso são coisas do dono.

YERMA - Bem sei. Não mo repitas.

JOÃO - Cada homem tem sua vida.

YERMA - E cada mulher a sua. Não te peço que fiques. Aqui tenho tudo o que necessito. Tuas irmãs me guardam bem. Aqui tenho pão mole e requeijão e cordeiro assado: e teu gado, no monte, tem pasto cheio de orvalho. Creio que podes viver em paz.

JOÃO - Para viver em paz, precisa-se estar tranquilo.

YERMA - E tu não estás?

JOÃO - Não estou.

YERMA - Deixa disso.

JOÃO - Não conheces minha maneira de ser? As ovelhas no redil e as mulheres em sua casa. Tu sais muito. Não me tens ouvido sempre dizer isso?

YERMA - É certo. As mulheres dentro de suas casas. Quando as casas não são tumbas. Quando as cadeiras se quebram e os lençóis de linho se gastam com o uso. Mas aqui, não. Todas as noites, quando me deito, encontro a minha cama ainda mais nova, mais reluzente, como se acabasse de ser trazida da cidade.

JOÃO - Tu mesma reconheces que tenho razão de queixar-me. Que tenho motivos para estar alerta.

YERMA - Alerta? Por quê? Em nada te ofendo. Vivo submissa a ti, e o que sofro, guardo pregado à minha carne. E cada dia que passa será pior. Não falemos nisso. Saberei levar a minha cruz como melhor puder, mas não me perguntes nada. Se pudesse, de repente, ficar velha e ter a

boca como uma flor esmagada, poderia sorrir e ir levando a vida contigo. Agora, agora – deixa-me com os pregos da minha cruz.

JOÃO - Falas de um modo que não te entendo. Não te privo de nada. Mando buscar às aldeias vizinhas as coisas de que gostas. Eu tenho os meus defeitos, mas quero ter paz e sossego, contigo. Quero dormir fora e pensar que estás dormindo também.

YERMA - Mas eu não durmo, eu não posso dormir.

JOÃO - Falta-te alguma coisa? Dize-me. Responde!

YERMA - *(Com intenção e fitando firmemente o marido)* – Sim, falta-me. *(Pausa)*

JOÃO - Sempre a mesma coisa. Já faz mais de cinco anos. Já estou quase esquecendo.

YERMA - Mas tu és tu, e eu sou eu. Os homens têm outra vida; o gado, as árvores, as conversas; e nós mulheres, não temos mais que a cria e o cuidado da cria.

JOÃO - Nem todos são iguais. Por que não trazes um filho de teu irmão para criar? Eu não me oponho.

YERMA - Não quero cuidar de filhos dos outros. Imagino que se me vão gelar os braços, de sustê-los.

JOÃO - Por causa disso vives aloucada, sem pensar no que devias, e empenhada em dar com a cabeça numa pedra.

YERMA - Pedra que é uma infâmia que seja pedra, porque devia ser uma cesta de flores e água fresca.

JOÃO - Estando a teu lado, não se sente senão inquietude, desassossego. Em último caso, deves resignar-te.

YERMA - Eu vim ter entre estas quatro paredes para não me resignar. Quando tiver a cabeça atada com um lenço, para que não se me abra a boca, e as mãos bem amarradas dentro do ataúde, nessa hora estarei resignada.

JOÃO - Então, que queres fazer?

YERMA - Quero beber água e não há copo nem água; quero subir no monte e não tenho pés; quero bordar as minhas anáguas e não encontro os fios.

JOÃO - O que se passa é que tu não és uma mulher verdadeira, e buscas a ruína de um homem sem vontade.

YERMA - Não sei quem sou. Deixa-me andar e desafogar. Nunca te faltei em nada.

JOÃO - Não gosto que o povo me aponte. Por isso, quero ver fechada esta porta, e cada um na sua casa. *(Entra a primeira Irmã, lentamente, e aproxima-se de um armário)*

YERMA - Falar com as pessoas não é pecado.

JOÃO - Mas pode parecer. *(Entra a outra Irmã, e dirige-se aos cântaros, nos quais enche uma jarra)*

JOÃO - *(Baixando a voz)* – Eu não tenho força para estas coisas. Quando vierem conversar contigo, fecha a boca; e lembra-te de que és uma mulher casada

YERMA - *(Com assombro)* – Casada!

JOÃO - E que as famílias têm honra, e a honra é uma carga que todos carregam juntos *(Aparece a Irmã com a jarra, lentamente)* – Mas que está escondida e fraca nos próprios canos do sangue. *(Aparece a outra Irmã carregando uma terrina de modo quase processional. Pausa)* – Perdoa-me *(Yerma contempla o Marido. Este, ao levantar a cabeça, encontra o seu olhar)* – Embora me fites de um modo que não te devia dizer – perdoa-me! Mas sim forçar-te, encerrar-te – porque para isso sou o marido. *(Aparecem as duas Irmãs à porta)*

YERMA - Rogo-te que não fales. Deixa parada a questão. *(Pausa)*

JOÃO - Vamos comer. *(Entram as Irmãs)* – Ouviste?

YERMA - *(Suave)* – Come tu, com tuas irmãs. Eu ainda não tenho fome.

JOÃO - Como quiseres. *(Sai)*

YERMA - *(Como sonhando)* Ai, que prado de mágoa!
Ai, que porta fechada à formosura!
desejo a dor de ter um filho, e os ares
me estendem dálias de dormente lua.
Estes dois mananciais que em mim palpitam,
Com leite morno, são, pela espessura
da minha carne, pulsos de cavalo,
os ramos sacudindo à minha angústia.
Ai, peitos cegos sob o meu vestido!
Ai, pombas vãs, sem olhos nem brancura!
Ai, que aflição de sangue prisioneiro
me está cravando de vespas a nuca!
Mas tu hás de chegar, amor, meu filho,
porque as águas dão sal; a terra, fruta;
e o nosso ventre guarda tenros filhos
como as nuvens carregam doce chuva. *(Olha para a porta)*
Maria! Por que passas tão depressa pela minha porta?

MARIA - *(Entra com uma criança nos braços)* – Faço isso quando vou com o menino... já que sempre choras!

YERMA - Tens razão. *(Pega o menino e senta-se)*

MARIA - Entristece-me que tenhas inveja.

YERMA - Não é inveja que tenho: é pobreza.

MARIA - Não te queixes.

YERMA - Como não me hei de queixar, quando te vejo a ti e a outras mulheres cheias de flores por dentro e me vejo tão inútil em meio a tanta formosura?

MARIA - Mas tens outras coisas. Se me ouvisses, poderias ser feliz.

YERMA - A mulher do campo que não dá filhos é inútil como um punhado de espinhos, e até má – embora eu seja desse refugo desprezado pela mão de Deus. *(Maria faz um gesto, como para tomar a criança)* – Toma-o . Contigo está mais a gosto. Eu não devo ter mãos de mãe.

MARIA - Por que me dizes isso?

YERMA - *(Levantando-se)* – Porque estou farta. Porque estou farta de tê-las e não as poder empregar em coisa própria. Pois estou ofendida. Ofendida e rebaixada até as últimas, vendo que os trigos apontam, que as fontes não cessam de dar água, e as ovelhas parem centos de cordeiros, e as cadelas, – e que parece que todo o campo, de pé, me mostra suas crias tenras e adormecidas, enquanto eu sinto dois golpes de martelo, aqui, em lugar da boca de meu filho.

MARIA - Não me agrada o que dizes.

YERMA - Vós. As que tendes filhos, não podeis pensar nas que não os temos. Permaneceis serenas, ignorantes, como o que nada em água doce não faz idéia da sede.

MARIA - Não te quero dizer o que te digo sempre.

YERMA - Cada vez tenho mais desejos e menos esperanças.

MARIA - Isso é ruim.

YERMA - Acabarei acreditando que eu mesma sou meu filho. Muitas noites desço a dar de comer aos bois, o que antes não fazia, – porque mulher nenhuma o faz – e quando passo pela sombra do alpendre, meus passos me parecem passos de homem.

MARIA - Cada um tem suas razões.

YERMA - Apesar de tudo, continua a querer-me. Podes imaginar como vivo?

MARIA - E tuas cunhadas?

YERMA - Morta me veja e sem mortalha, se alguma vez falar com elas.

MARIA - E teu marido?

YERMA - São três contra mim.

MARIA - Que pensam?

YERMA - Invenções de gente que não tem consciência tranquila. Crêem que posso gostar de outro homem e não sabem que, ainda que gostasse, o primeiro ponto da minha casta é a honradez. São pedras na minha frente. Mas o que não sabem é que eu, se quiser, posso ser água de arroio que as leve. *(Uma Irmã entra e volta levando um pão)*

MARIA - De qualquer maneira, creio que teu marido continua a querer-te.

YERMA - Meu marido me dá pão e casa.

MARIA - Que trabalhos estás passando! Que trabalhos! Mas lembra-te das chagas de Nosso Senhor. *(Estão à porta)*

YERMA - *(Mirando o menino)* – Já acordou.

MARIA - Daqui a pouco começará a cantar.

YERMA - Tem os teus olhos, sabias? Já os viste? *(Chorando)* – Tem os olhos iguais aos teus! *(Yerma suavemente empurra Maria, que sai silenciosa. Yerma dirige-se à porta por onde entrou o marido)*

2ª RAPARIGA - Psiu.

YERMA - *(Voltando-se)* – Que é?

2ª RAPARIGA - Esperei que saísse. Minha mãe está à tua espera.

YERMA - Está só?

2ª RAPARIGA - Com duas vizinhas.

YERMA - Dize-lhes que esperem um pouco.

2ª RAPARIGA - Mas sempre vais? Não te dá medo?

YERMA - Irei.

2ª RAPARIGA - Anda lá!

YERMA - Que me esperem, embora seja tarde. *(Entra Victor)*

VICTOR - João está?

YERMA - Está.

2ª RAPARIGA - *(Cúmplice)* – Então, logo trarei a blusa.

YERMA - Quando quiseres. *(Sai a rapariga)* Senta-te.

VICTOR - Estou bem assim.

YERMA - *(Chamando)* – João!

VICTOR - Venho despedir-me. *(Estremece levemente, mas logo torna a serenar)*

YERMA - Vais com teus irmãos?

VICTOR - Assim o quer meu pai.

YERMA - Já deve estar velho.

VICTOR - Está: muito velho. *(Pausa)*

YERMA - Fazes bem em mudar de campo.

VICTOR - Todos os campos são iguais.

YERMA - Não. Eu iria para muito longe.

VICTOR - Tudo é o mesmo. As mesmas ovelhas têm a mesma lã.

YERMA - Para os homens, sim; mas nós mulheres somos outra coisa. Nunca ouvi dizer a um homem, comendo: como são boas estas maçãs! Ides ao que é vosso, sem repararde nas delicadezas. Por mim, posso dizer: detesto a água destes poços.

VICTOR - Pode ser. *(A cena está numa suave penumbra)*

YERMA - Victor.

VICTOR - Fala.

YERMA - Por que te vais? Aqui, as pessoas te querem.

VICTOR - Portei-me bem. *(Pausa)*

YERMA - Portaste-te bem. Quando eras rapazote, levaste-me uma vez nos braços, não te lembras? Nunca se sabe o que vai acontecer.

VICTOR - Tudo muda.

YERMA - Algumas coisas não mudam. Há coisas fechadas dentro de paredes, que não podem mudar porque ninguém as ouve.

VICTOR - Assim é. *(Aparece a 2ª Irmã e dirige-se lentamente para a porta, onde fica, firme, iluminada pela última claridade da tarde)*

YERMA - Mas se saíssem de repente, e gritassem, encheriam o mundo.

VICTOR - Não adiantaria nada. A acéquia em seu lugar, o rebanho no redil, a lua no céu e o homem com seu arado.

YERMA - Que imensa pena, não poder sentir os sentimentos dos velhos! *(Ouve-se o longo e melancólico som dos búzios dos pastores)*

VICTOR - Os rebanhos.

JOÃO - *(Entra)* – Já estás de partida?

VICTOR - E quero passar o porto antes do amanhecer.

JOÃO - Levas alguma queixa de mim?

VICTOR - Não. Foste bom pagador.

JOÃO - *(a Yerma)* – Comprei-lhe os rebanhos.

YERMA - É?

VICTOR - *(a Yerma)* – São teus.

YERMA - Não sabia.

JOÃO - *(Satisfeito)* – Pois é.

VICTOR - Teu marido há de ver sua fazenda repleta.

YERMA - O fruto vem às mãos do trabalhador que o procura. *(A Irmã, que está à porta, vem para dentro)*

JOÃO - Já não temos onde meter tantas ovelhas.

YERMA - *(Sombria)* – A terra é grande. *(Pausa)*

JOÃO - Iremos juntos até o arroio.

VICTOR - Desejo a esta casa a maior felicidade. *(Dá a mão a Yerma)*

YERMA - Deus te ouça! Saúde! *(Victor deixa-o passar e, a um movimento imperceptível de Yerma, volta-se)*

VICTOR - Dizias alguma coisa?

YERMA - *(Drástica)* – Disse-te "Saúde"!

VICTOR - Obrigado. *(Saem. Yerma continua imóvel, angustiada, mirando a mão que deu a Victor. Dirige-se rapidamente para a esquerda e apanha um xale)*

2ª RAPARIGA - *(em silêncio, tapando-lhe a cabeça)* – Vamos.

YERMA - Vamos. *(Saem sigilosamente. A cena está quase na escuridão. Entra a Irmã mais velha com uma candeia que não deve dar ao teatro luz nenhuma senão a natural que leva. Dirige-se ao fim da cena, buscando Yerma. Soam os búzios dos rebanhos)*

1ª CUNHADA - *(em voz baixa)* – Yerma! *(Entra a segunda Cunhada. Miram-se as duas e dirigem-se para a porta)*

2ª CUNHADA - *(mais alto)* – Yerma!

1ª CUNHADA - *(dirigindo-se à porta e com voz imperiosa)* – Yerma! *(Ouvem-se os búzios e as cornetas dos pastores. A cena está escuríssima. Cortina)*

TERCEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Casa de Dolores, a rezadeira. Vai amanhecendo, Entra Yerma com Dolores e duas Velhas)

DOLORES - Foste corajosa.

1ª VELHA - Não há nada no mundo como a força do desejo.

2ª VELHA - Mas o cemitério estava escuro demais.

DOLORES - Muitas vezes tenho feito estas orações no cemitério com mulheres que ansiavam por crianças, e todas tiveram medo. Todas, menos tu.

YERMA - Eu vim pelo resultado. Creio que não és mulher de enganar.

DOLORES - Não sou, não. Que se me encha a língua de formigas, como a boca dos mortos, se alguma vez menti. A última vez fiz a reza com uma mendiga que esteve seca mais tempo do que tu. E de maneira tão formosa se lhe adoçou o ventre que teve duas crianças ali embaixo, no rio, porque nem lhe dava tempo de chegar ao povoado. E ela mesma as trouxe num pano, para que eu as arranjasse.

YERMA - E pôde vir andando lá do rio?

DOLORES - Veio. Com os sapatos e as anáguas empapadas de sangue... mas com a cara rebrilhante.

YERMA - E não lhe aconteceu nada?

DOLORES - Que havia de acontecer? Deus é Deus.

YERMA - Naturalmente. Deus é Deus. Não lhe podia acontecer nada. Só agarrar as criancinhas e lavá-las com água viva. Os animais as lambem, não é? Eu não tenho nojo de meu filho. Imagino que as recém-paridas estão como iluminadas por dentro, – e as crianças dormem horas e horas em cima delas ouvindo esse arroio de leite morno que lhes vai enchendo os peitos, para que mamem, para que brinquem, até não quererem mais; até retirarem a cabeça: "Um pouquinho mais, menino..." – e ficarem com a cara e o peito cheios de gotas brancas.

DOLORES - Agora terás um filho. Podes ter certeza.

YERMA - Hei de tê-lo, por força. Ou não entendo o mundo. Às vezes, quando já estou certa de que nunca, nunca... Sobe-me como uma onda de fogo pelos pés, e ficam vazias, para mim, todas as coisas, e os homens que andam pela rua, e os touros e as pedras me parecem assim como coisas de algodão. E pergunto a mim mesma para que estarão postos ali?

1ª VELHA - É bom que uma casada queira filhos; mas, se os não tem, por que essa ânsia de tê-los? O importante, neste mundo, é deixar-se levar pelo tempo. Não te critico. Já viste como ajudei nas rezas. Mas que várzea esperas dar a teu filho, ou que felicidade, ou que cadeira de prata?

YERMA - Eu não penso no amanhã; penso no hoje. Tu estás velha, e já vês tudo como um livro lido. Eu penso que tenho sede e não tenho liberdade. Eu quero ter meu filho nos braços, para dormir tranquila; e, ouve-me bem e não te espantes do que digo: embora soubesse que meu filho me iria martirizar depois, e me iria odiar, e me iria arrastar pelos cabelos pelas ruas, receberia com gosto o seu nascimento, porque é muito melhor chorar por um homem vivo que nos apunhala do que chorar por este fantasma sentado anos e anos em cima do meu coração.

1ª VELHA - És muito nova para ouvires conselhos. Mas, enquanto esperar a graça de Deus, deves amparar-te no amor de teu marido.

YERMA - Ai! Puseste o dedo na chaga mais funda que há na minha carne.

DOLORES - Teu marido é bom.

YERMA - *(Levantando-se)* – É bom! É bom! E depois? Oxalá fosse mau. Mas não. Ele vai com suas ovelhas por seu caminho, e de noite conta o dinheiro. Quando nos juntamos, cumpre o seu dever, mas reparo que é frio como se tivesse o corpo morto; e eu, que sempre tive asco de mulheres ardentes, quereria ser naquele instante como uma montanha de fogo.

DOLORES - Yerma!

YERMA - Não sou uma casada indecente, mas sei que os filhos nascem do homem e da mulher. Ai, se os pudesse ter sozinha!

DOLORES - Pensa que teu marido também sofre.

YERMA - Não sofre, não. O que acontece é que ele não deseja filhos.

1ª VELHA - Não digas isso!

YERMA - Vejo-lhe isso nos olhos. E, como os não deseja, não nos dá. Não o quero, não o quero, e, no entanto, é a minha única salvação. Por honra e por casta. Minha única salvação.

1ª VELHA - *(Com medo)* – Vai começar a amanhecer. Deves ir para casa.

DOLORES - Não tardam a sair os rebanhos e não convém que te vejam sozinha.

YERMA - Necessitava deste desabafo. Quantas vezes devo repetir as orações?

DOLORES - A do loureiro, duas vezes; e, ao meio-dia, a oração de Santana. Quando te sentires prenhe, trazes a fanga de trigo que me prometeste.

1ª VELHA - Por cima dos montes já começa a clarear. Vai-te embora.

DOLORES - Como daqui a pouco começarão a abrir os portões, vai fazendo um rodeio pela acéquia.

YERMA - *(Com desalento)* – Não sei por que vim!

DOLORES - Estás arrependida?

YERMA - Não.

DOLORES - *(Perturbada)* – Se tens medo, acompanho-te até à esquina.

1ª VELHA - *(Com inquietação)* – Já será dia claro, quando chegares à tua porta. *(Ouvem-se vozes)*

DOLORES - Cala-te! *(Escutam)*

1ª VELHA - Não é ninguém. Vai com Deus. *(Yerma dirige-se para a porta, e nesse momento chamam-na. As três mulheres ficam paradas)*

DOLORES - Quem é?

VOZ - Sou eu.

YERMA - Abre. *(Dolores duvida)* – Abres ou não? *(Ouvem-se murmúrios. Aparece João com as duas Cunhadas)*

2ª CUNHADA - Aqui está.

YERMA - Aqui estou.

JOÃO - Que fazes neste lugar? Se pudesse gritar, levantaria toda a aldeia, para que vissem por onde anda a honra da minha casa: mas hei de afogar tudo, e calar-me porque és minha mulher.

YERMA - Se pudesse gritar, também gritaria, para que levantassem até os mortos e vissem esta limpeza que me cobre.

JOÃO - Não, isso não. Aguento tudo, menos isso. Tu me enganas, me enredas, e como sou um homem que trabalha a terra, não tenho cabeça para as tuas astúcias.

DOLORES - João!

JOÃO - Calai-vos! Nem uma palavra!

DOLORES - *(Forte)* – Tua mulher não fez nada de mal.

JOÃO - Desde o próprio dia da boda que o está fazendo. Mirando-me com duas agulhas, passando as noites em claro, com os olhos abertos, a meu lado, e enchendo de maus suspiros os meus travesseiros.

YERMA - Cala-te!

JOÃO - E eu não posso mais. Porque é preciso ser de bronze para ver-se ao lado de uma mulher que te quer enterrar os dedos no coração; e que de noite sai de sua casa, em busca de quê? Dize-me! Procurando o quê? As ruas estão cheias de machos. Nas ruas não há flores para cortar.

YERMA - Não te deixo falar nem mais uma palavra. Nem mais uma. Imaginas tu, e tua gente, que sois os únicos a guardar honra; e não sabes que a minha casta não teve nunca nada que ocultar. Anda. Chega perto de mim e cheira os meus vestidos: vem! Vê se encontras um cheiro que não seja o teu, que não seja o do teu corpo. Põe-me nua no meio da praça e cospe-me. Faz comigo o que quiseres, já que sou tua mulher; mas livra-te de pôr nome de homem em cima dos meus peitos!

JOÃO - Não sou eu quem o põe: és tu, com a tua conduta. E o povo começa a dizê-lo. Começa a dizê-lo claramente. Quando chego a uma roda, todos se calam; quando vou pesar a farinha, todos se calam; e até de noite, no campo, quando desperto, parece-me que também se calam as ramas das árvores.

YERMA - Não sei como se levantam os maus ventos que revolvem o trigo! E dize-me se o trigo não é bom!

JOÃO - E eu não sei o que busca uma mulher a toda hora fora de casa.

YERMA - *(Num arranco, abraçando-se ao marido)* – Busco-te a ti. Busco-te a ti, – é a ti que busco dia e noite, sem encontrar sombra onde respirar. É teu sangue e teu amparo o que desejo.

JOÃO - Afasta-te!

YERMA - Não me afastes, e une ao meu o teu querer!

JOÃO - Deixa-te disso!

YERMA - Olha que fico só. Como se a lua se procurasse a si mesma pelo céu. Olha-me! *(Fita-o)*

JOÃO - *(Fita-a e afasta-a bruscamente)* – Deixa-me de uma vez!

DOLORES - João! *(Yerma cai no chão)*

YERMA - Quando saía a procurar meus cravos, tropecei na parede. Ai, ai, é nessa parede que tenho que rebentar minha cabeça.

JOÃO - Cala-te. Vamos.

DOLORES - Deus meu!

YERMA - *(Aos gritos)* – Maldito seja meu pai, que me deixou seu sangue de pai de cem filhos! Maldito seja meu sangue que os busca aos trancos pelas paredes!

JOÃO - Cala-te, já disse!

DOLORES - Vem gente! Fala baixo.

YERMA - Não me importa. Deixem-me livre ao menos a voz, agora que vou entrando no mais escuro do poço *(Levanta-se)* Deixem que do meu corpo saia ao menos essa coisa bela – e que encha os ares! *(Ouvem-se vozes)*

DOLORES - Vão passar por aqui.

JOÃO - Silêncio.

YERMA - Isso! Isso! Silêncio. Não te preocupes.

JOÃO - Vamos. Depressa!

YERMA - É assim! É assim! E é inútil retorcer as mãos! Uma coisa é querer com a cabeça...

JOÃO - Cala-te!

YERMA - *(Baixo)* – Uma coisa é querer com a cabeça, e outra coisa é que o corpo – maldito seja o corpo! – não nos responda. Está escrito e não me vou pôr a lutar braço a braço com os mares. É assim! Muda fique a minha boca! *(Sai. Cortina)*

SEGUNDO QUADRO

(Arredores de uma ermida, em plena montanha. No primeiro plano, umas rodas de carro e umas mantas, formando uma tenda rústica onde está Yerma. Entram as Mulheres com oferendas para a ermida. Vêem descalças. Na cena está a Velha alegre do 1° Ato. Canto com a cortina corrida)

Não te pude ver,
quando eras solteira,
mas já casada
te encontrarei.
Casada e romeira,
te despirei,
quando pelo escuro
meia noite dê.

VELHA - *(Com malícia)* – Já bebeste a água santa?

1ª MULHER - Já.

VELHA - E agora vindes vê-lo.

1ª MULHER - Acreditamos nele.

VELHA - Vindes pedir filhos ao Santo; e acontece que cada ano vêm mais homens sozinhos a esta romaria. Que se passará? *(Ri-se)*

1ª MULHER - Por que vens aqui, se não crês?
VELHA - Venho ver. Fico louca para ver. E para tratar de meu filho. O ano passado mataram-se dois homens por uma casada seca e quero vigiar. E, por fim, venho porque me dá na veneta.

1ª MULHER - Deus te perdoe. *(Entram)*

VELHA - *(Com sarcasmo)* – Que te perdoe a ti. *(Vai-se embora. Entra Maria com a 1ª Rapariga)*

1ª RAPARIGA - E veio?

MARIA - Ali tens o carro. Muito me custou trazê-los. Ela esteve um mês sem se levantar da cadeira. Tenho medo dela. Anda com uma idéia que não sei qual é, mas já se vê que é uma idéia ruim.

1ª RAPARIGA - Cheguei com minha irmã. Há oito anos que vem, em resultado.

MARIA - Tem filhos a que tem que os ter.

1ª RAPARIGA - É o que eu digo. *(Ouvem-se vozes)*

MARIA - Nunca me agradou esta romaria. Vamos às eiras, que é onde está o povo.

1ª RAPARIGA - No ano passado, quando escureceu, uns rapazes atenazaram com as mãos os peitos da minha irmã.

MARIA - Por quatro léguas em redor não se ouvem senão palavras terríveis.

1ª RAPARIGA - Vi mais de quarenta tonéis de vinho nos fundos da ermida.

MARIA - Um rio de homens sozinhos desce por estas serras. *(Saem. Ouvem-se vozes. Entra Yerma com seis mulheres que vão à Igreja. Vão descalças e levam círios torcidos. Começa a anoitecer)*

MARIA - Senhor, que a rosa floresça!
Não fique na sombra presa.

2ª MULHER - Nesse corpo que se engelha,
floresça a rosa amarela!

MARIA - No ventre das tuas servas,
a chama escura da terra.

CORO DE MULHERES - Senhor, que a rosa floresça!
Não fique na sombra presa. *(Ajoelham-se)*

YERMA - O céu tem os seus jardins
com roseiras de alegria;
entre roseira e roseira,
a rosa da maravilha.
Raio de aurora parece,
e há um arcanjo que a vigia;
as asas, como tormentas,
os olhos, como agonias.
Em redor de suas folhas,
arroios de leite brincam,
tépidos, molhando a cara
das estrelinhas tranquilas.
Senhor, abre um roseiral
nesta murcha carne minha. *(Levantam-se)*

2ª MULHER - Senhor, acalma esse fogo
de sua face incendida!

YERMA - Escuta uma penitente
desta santa romaria;
abre em mim a tua rosa,
embora espinhos me firam.

CORO - Senhor, que a rosa floresça
e não fique em sombra presa.

YERMA - Sobre a murcha carne minha,
a rosa da maravilha!

(Entram. Saem Raparigas correndo, com longas fitas nas mãos – pela esquerda. Pela direita, outras três, olhando para trás. Há na cena como um crescendo de vozes e de ruídos de guizos e colares de campainhas. Num plano superior, aparecem as sete Raparigas que agitam as fitas para a esquerda. Cresce o ruído e entram dois mascarados populares, um como Macho e outro como Fêmea. Levam grandes máscaras. O Macho empunha um chifre de touro. Não são de modo nenhum grotescos, mas antes de grande beleza e com um sentido de pura terra. A Fêmea agita um colar de grandes campainhas. O fundo enche-se de gente que grita e comenta a dança. Já é noite fechada)

MENINOS - O demônio e sua mulher! O demônio e sua mulher!

FÊMEA - Pelo rio de uma serra,
triste esposa se banhava:
pelo corpo lhe subiam
os vivos caracóis da água.
A fina areia das margens
e os ares da madrugada
lhe enchiam de fogo o riso
e de tremor as espáduas.
Ai, como estava despida
a donzela dentro d'água!

MENINO - Ai, como se queixava!

1º HOMEM - Ai, tão murcha de amores,
com o vento e a água!

2º HOMEM - Que diga por quem espera!

1º HOMEM - Que diga por quem aguarda!

2º HOMEM - Ai, com seu ventre seco
e a cor tão desmaiada!

FÊMEA - Quando chegue a noite o direi,
quando chegue a noite clara.
Quando cheque a noite da romaria
rasgarei os folhos da minha anágua!

MENINO - E em seguida veio a noite.
Ai, que a noite já chegava!
Olhai como fica escura
pela montanha, a cascata! *(Começam a soar umas guitarras)*

MACHO - *(Levanta-se e agita o chifre)*
Ai, tão branca,

a triste casada!
Ai, como se queixa entre as ramas!
Já vais ser cravo e papoula,
quando o macho desdobre a capa.
(Aproxima-se)
Se vieres à romaria,
pedir que teu ventre se abra,
não te cubras com véus de luto,
mas com leve camisa de holanda.
Vai sozinha detrás desses muros,
onde estão as figueiras cerradas,
e sustenta meu corpo de terra
até quando suspire a alvorada.
Ai, como rebrilha,
Ai, como rebrilhava,
ai, como se meneia a casada!

FÊMEA - Ai, que o amor lhe oferece
coroas e grinaldas,
e dardos de ouro vivo
em seu peito se cravam.

MACHO - Sete vezes gemia,
nove se levantava;
laranjas com jasmins
quinze vezes juntaram.

3º HOMEM - Bate-lhe já com o chifre!

2º HOMEM - Com a rosa e com a dança!

1º HOMEM - Ai, como se meneia a casada!

MACHO - Nesta romaria
o varão sempre manda.
Os maridos são touros.
O varão sempre manda:
e as romeiras são flores
para aqueles que as ganha.

MENINO - Bate-lhe já com o ar!

2º HOMEM - Bate-lhe já com a rama!

MACHO - Vinde ver o esplendor
dessa que se banhava!

1º HOMEM - Como junco se curva.

FÊMEA - E como flor se cansa.

HOMENS - Afastar as meninas!

MACHO - E incendeie-se a dança
e o corpo reluzente
da garrida casada.
(Vão-se a bailar ao som de palmas, com sorrisos. Cantam)
O céu tem seus jardins
com roseiras de alegria.
Entre roseira e roseira,
a rosa da maravilha.
(Tornam a passar duas Raparigas gritando. Entra a Velha alegre)

VELHA - Vamos a ver se nos deixam dormir. Mas agora vai ser ela *(Entra Yerma)* Tu! *(Yerma está abatida e não fala)* Dize-me a que vieste.

YERMA - Não sei.

VELHA - Não te convences? E teu marido? *(Yerma dá mostras de cansaço e vê-se que uma idéia fixa lhe atormenta a cabeça)*

YERMA - Está por aí.

VELHA - E que faz?

YERMA - Bebe. *(Pausa. Levando a mão à testa)* Ai!

VELHA - Ai! Ai! Menos ai e mais alma. Antes não te pude dizer nada, mas agora posso.

YERMA - E que me vais dizer que já não saiba!

VELHA - O que já não se pode calar. O que está em cima do telhado. A culpa é de teu marido. Estás ouvindo? Deixaria que me cortassem as mãos. Nem seu pai, nem seu avô, nem seu bisavô se portaram como homens de casta. Para terem um filho, foi preciso que se juntasse o céu com a terra. São feitos de saliva. Com tua gente, foi o contrário. Tens irmãos e primos por cem léguas em redor. Vê que maldição havia de cair sobre a tua formosura.

YERMA - Uma maldição. Um charco de veneno sobre as espigas.

VELHA - Mas tu tens pés para abandonares a casa.

YERMA - Abandoná-la?

VELHA - Quando te vi na romaria, o coração deu-me um baque. Aqui vêm as mulheres conhecer homens novos. E o Santo faz o milagre. Meu filho está sentado atrás da ermida, esperando-me. A minha casa precisa de uma mulher. Vai ter com ele, e viveremos os três juntos. Meu filho, sim, é de bom sangue. Como eu. Se entras em minha casa, verás que ainda cheira a berços. A cinza da tua colcha se mudará em pão e sal para as crias. Anda. Não te importes com o povo. E quanto a teu marido, há na minha casa entranhas e ferramentas para que não chegue nem a atravessar a rua

YERMA - Cala-te, cala-te, que não é isso! Nunca o faria. Eu não posso ir buscar. Achas que posso conhecer outro homem? Onde pões a minha honra? A água não pode correr para trás, nem a lua cheia sai ao meio-dia. Vai-te embora. Seguirei meu caminho. Pensaste a sério que eu me

poderia dobrar a outro homem? Que eu fosse pedir-lhe o que é meu, como uma escrava? Conhece-me, para que nunca mais me fales: eu não busco.

VELHA - Quando se tem sede, agradece-se a água.

YERMA - Eu sou como um campo seco onde cabem, arando, mil juntas de bois. E o que tu me dás é um pequeno copo de água de poço. A minha é uma dor que já não cabe na carne.

VELHA - *(Forte)* – Pois continua assim. É do teu gosto. Como os cardos das terras secas, espinhosa, murcha.

YERMA - *(Forte)* – Murcha, sim, já sei. Murcha! Não é preciso que me esfregues isso na boca. Não venhas divertir-te como as crianças pequenas com a agonia de um animalzinho. Desde que me casei, estou dando voltas a essa palavra, mas é a primeira vez que a ouço, a primeira vez que me atiram com ela na cara. A primeira vez que vejo que é verdade.

VELHA - Não me dás pena nenhuma. Nenhuma. Buscarei outra mulher para meu filho. *(Retira-se. Ouve-se um grande coro distante, cantado pelos romeiros. Yerma dirige-se para o carro, e aparece por detrás dela seu marido)*

YERMA - Estavas aí?

JOÃO - Estava.

YERMA - Espreitando?

JOÃO - Espreitando.

YERMA - E ouviste?

JOÃO - Ouvi.

YERMA - E então? Deixa-me e vai-te com os cantadores. *(Senta-se nas mantas)*

JOÃO - Também é a minha hora de falar.

YERMA - Fala.

JOÃO - E de queixar-me.

YERMA - Por que motivo?

JOÃO - Porque tenho um amargor na garganta.

YERMA - E eu, nos ossos.

JOÃO - Chegou o último instante de resistir a este contínuo lamento por coisas obscuras, fora da vida, por coisas que estão nos ares.

YERMA - *(Com assombro dramático)* – Fora da vida, dizes, Nos ares, dizes?

JOÃO - Por coisas que não aconteceram e que não dependem nem de mim nem de ti.

YERMA - *(Violenta)* – Continua! Continua!

JOÃO - Por coisas que a mim não me importam. Ouves? Que a mim não me importam. Já é necessário dizer-te isso. A mim me importa o que tenho nas mãos. O que vejo com os meus olhos.

YERMA - *(Levantando-se nos joelhos, desesperada)* – Assim, assim. Era isso que eu queria ouvir de teus lábios... Não se sente a verdade quando está dentro de nós. Mas como é grande e como grita quando sai e levanta os braços! Não lhe importa! Já o ouvi.

JOÃO - *(Aproximando-se)* – Pensa que tinha de ser assim. Ouve-me. *(Abraça-a para levantá-la)* – Muitas mulheres seriam felizes levando a vida que levas. Sem filhos, a vida é mais doce. Eu sou feliz, não os tendo. Não temos culpa nenhuma.

YERMA - *(Excitada)* – Isso! Buscavas a casa, a tranquilidade e uma mulher. Mas nada mais. Não é verdade o que digo?

JOÃO - É verdade. Como todos.

YERMA - E o resto? E teu filho?

JOÃO - Não ouves que não me importa? Não me perguntes mais. Pois terei que gritar-te aos ouvidos para que o saibas, para ver se de uma vez para sempre vives tranquila.

YERMA - E nunca pensaste nele, quando me vias desejá-lo?

JOÃO - Nunca. *(Estão os dois no chão)*

YERMA - E não poderia esperá-lo?

JOÃO - Não.

YERMA - Nem tu?

JOÃO - Nem eu tampouco. Resigna-te!

YERMA - Murcha.

JOÃO - Vamos viver em paz. Um com o outro, docemente. Com agrado. Abraça-me. *(Abraça-a)*

YERMA - Que procuras?

JOÃO - Procuro a ti. Com a lua, estás linda.

YERMA - Tu me procuras como quando queres comer um pombo.

JOÃO - Beija-me... Assim.

YERMA - Isso, nunca. Nunca. *(Yerma dá um grito e aperta a garganta do marido. Ele vai para trás. Aperta-lhe a garganta até matá-lo. Começa o coro da romaria)*

CORO - Murcha, murcha mas segura. Agora, sim, que o sei com certeza. E sozinha! *(Levanta-se. Começa a chegar gente)* Vou descansar sem ter de despertar sobressaltada para ver se o sangue me anuncia outro sangue novo. Com o corpo seco para sempre. Que quereis saber? Não vos aproximei porque matei meu filho, eu mesma matei meu filho! *(Acorre um grupo, que fica ao fundo. Ouve-se o coro da romaria. Cortina)*

F I M